



Narrativas, futebol e ensino: o ensinar brasileiro em Formosa (Taiwan)

Narratives, football and teaching: brazilian teaching in Formosa (Taiwan)

Narrativas, fútbol y enseñanza: la enseñanza brasileña en Formosa (Taiwán)

Kleber Trevisam – Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba - FEFISO | Sorocaba | SP | Brasil | kleber.trevisam@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-3723-3089>

Marcos Antonio dos Santos Reigota – Universidade de Sorocaba - Uniso | Sorocaba | SP | Brasil | marcos.reigota@prof.uniso.br | <https://orcid.org/0000-0002-8771-086X>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar as narrativas resultantes da experiência em se ensinar futebol em Changhua, pequena cidade no interior de Formosa (Taiwan) onde as principais modalidades praticadas por jovens e crianças são o beisebol e o basquetebol. As narrativas apresentam as expectativas criadas com a viagem, a chegada na ilha, o conhecimento sobre o “Summer Camp” e as curiosidades que resultaram em trabalho extra pois, além do futebol, a curiosidade em torno do Brasil que muitas vezes se sobrepunha ao desejo de aprender o esporte.

Palavras-chave: Futebol. Ensino. Narrativas.

Abstract: This article aims to present the narratives resulting from the experience of teaching football in Changhua, a small town in the interior of Formosa (Taiwan) where the main practical modalities for young people and children are baseball and basketball. The narratives present the expectations created with the trip, the arrival on the island, the knowledge about the “Summer Camp” and the curiosities that resulted in extra work because, in addition to football, the curiosity about Brazil often overlapped the desire to learn the sport.

Keywords: Football. Teaching. Narratives.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar las narraciones resultantes de la experiencia de enseñar fútbol en Changhua, un pequeño pueblo en el interior de Formosa (Taiwan) donde las principales modalidades prácticas para jóvenes y niños son el béisbol y el baloncesto. Las narrativas presentan las expectativas creadas con el viaje, la llegada a la isla, el conocimiento sobre el "Campamento de verano" y las curiosidades que resultaron en trabajo extra porque, además del fútbol, la curiosidad sobre Brasil a frecuentemente superpuso el deseo de aprender el deporte.

Palabras clave: Fútbol. Enseñanza. Narrativas.

• Recebido em 30 set. de 2020 • Aprovado em 19 out. 2020 • e-issn: 2177-5788

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2020v46n2p365-384>

Copyright © 2020. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos



1 Introdução

Inventado pelos ingleses, “por mais que correntes historiográficas vejam semelhanças de origem entre o futebol e os jogos com bola registrados na China antiga, no Japão e no Egito, ou com o Haspartum romano” (CARVALHO, 2012, p. 15), o esporte se transformou em um dos mais populares no mundo.

Chegou ao Brasil por intermédio de marinheiros ingleses e de estudantes que regressavam da Inglaterra e que traziam consigo todos os equipamentos necessários para a prática do novo esporte.

De um início elitista, pois, no Brasil, em detrimento do que ocorrera no país de origem, em que rapidamente se tornou esporte popular, o futebol foi rapidamente incorporado pela alta sociedade, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Aos poucos a sua prática se popularizou fazendo dele o esporte das “massas”, com o surgimento de clubes e torneios por todo o território nacional.

Para Barrios (2009), o futebol é um dos mais fascinantes fenômenos sociais, pois mobiliza multidões em um dos espetáculos mais primorosos para se ver e viver. Extrapola o palco de sua existência, pois mesmo depois que as luzes dos estádios se apagam e estádio fica vazio, os jogos transformam-se em motivo de conversas, discussões e debates, discordâncias ou coincidências.

Qualquer discussão sobre o futebol mundial deve ser iniciada com um reconhecimento da atração global do jogo. Embora possa estar cada vez mais ultrapassado dizer isso, o futebol é inegavelmente o principal esporte do mundo (GIULIANOTTI, 2010, p. 7).

Encontrado nas praças, parques, clubes, ruas, praias e nos mais diversos lugares onde haja espaço suficiente para seu desenvolvimento é também figura central nas discussões existentes nos bares, restaurantes, pontos de ônibus acerca dos erros e acertos dos árbitros, a bola que não entrou ou mesmo a beleza presente em uma jogada, que é coroada com o grito de gol da torcida.



Num passado não tão longínquo, as crianças aprendiam a jogar bola na rua, nos campinhos, nas praças, entre iguais, longe de professores. Certamente, desobrigadas de horários de treinos, competições oficiais e do ensino sistematizado. Evidentemente que ainda há crianças que jogam bola na rua, mas, principalmente nas grandes cidades, excetuando-se a periferia, é incomum (SANTANA, 2004, p. 9).

Proliferam-se por todos os grandes centros, escolinhas de futebol, muitas delas com a chancela de grandes clubes nos quais crianças podem dar os primeiros toques na bola e, com isso, aprender o esporte a ponto de torná-lo uma grande paixão. Todo esse fascínio proporcionado pelo futebol, associado ao apoio familiar e às oportunidades que surgiram, fez com que se procurasse nesse esporte o sucesso e o reconhecimento que comumente é visto nos principais meios de comunicação.

Entretanto e, como resultado de escolhas, meu protagonismo esperado na modalidade surge, não como atleta, mas como formador, atuando como professor em escolinhas de futebol, em um primeiro momento para, mais recentemente, na Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba, de profissionais que poderão ensinar futebol. Sendo que, seja na escolinha de futebol, ou na faculdade, o entendimento sobre a docência se desenvolveu no sentido de se entender esta como um processo no qual “ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (FREIRE, 2016, p. 47).

Como docente, o processo de ensino e aprendizagem é focado em como ensinar a partir do que se sabe e a partir disso fazer com que o discente tome consciência em torno das necessidades de seus futuros alunos na “construção”, não somente de um repertório motor, mas também de uma consciência no que concerne ao futebol e à realidade de ensino deste. Para com isso, trazer para as aulas todo o dinamismo que está presente, não só no esporte, mas como ele se modifica com o passar do tempo e, a partir deste entendimento, procurar fazer com que ele compreenda que o ensinar demanda uma compreensão da realidade e de como ela se modifica com o passar do tempo.



Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação (FREIRE, 2015, p. 79).

A formação dos educadores, a partir do pensamento de Paulo Freire, se constitui em um compromisso ético a ser assumido por educadores críticos que desejam romper com o mito da neutralidade da educação e com a adaptação dos seres humanos a uma suposta vida em harmonia em uma sociedade marcada pela desigualdade. Significa pensar dentro da linguagem da possibilidade, em que o presente e o futuro podem ser criados e recriados, a partir de uma práxis social organizada coletivamente.

A partir da reflexão que faz sobre sua experiência como aluna, Hooks (2017) aponta para o fato de que o tédio presente nas aulas que participava fez com que passasse a imaginar, não somente que a sala de aula poderia ser empolgante, mas também que esse entusiasmo poderia coexistir com uma atividade intelectual e/ou acadêmica séria. A autora defende que seria possível promover atividades empolgantes, ou seja, docente e discente devem ter consciência sobre essa possibilidade, por mais que práticas convencionais conservadoras de ensino persistam e insistam, fazendo-se necessário pensar em formas mais adequadas, a partir do entendimento que se deve ter sobre as vivências e possibilidades de cada um e como elas poderiam contribuir para o desenvolvimento integral do ensino.

Deste modo, o presente artigo, versará sobre o desenvolvimento da prática de ensino do futebol com crianças onde se põe à prova todo o conhecimento e experiências adquiridas com o tempo. Ao retornar, mesmo que por um curto período, a trabalhar com crianças em uma realidade diferente daquela a qual já estive habituado e na qual alicerçaram-se meus conhecimentos.

Para isso, serão apresentadas narrativas que representam o processo que se deu e as reflexões advindas de um período de 30 dias, no qual atuei como professor voluntário em um “*Summer Camp*” na cidade de Changhua, em Formosa (Taiwan).



As narrativas se fazem presentes em interlocuções, testemunhos, teorias, leituras, audições, vivências que, como o som, revelam seus fluxos na dinâmica do dia a dia da educação com o objetivo de revelar a ambiência sonora no contexto escolar como expressão sensível para a educação ambiental (CATUNDA, 2013, p.12).

Para Reigota (2016), os estudos envolvendo as narrativas apresentam diversas bases teóricas e metodológicas que, apesar dessa heterogeneidade, possuem como característica comum a presença clara de movimentos políticos diversos. As narrativas nos ajudam a redigir a partir de múltiplas fontes, auxiliando-nos a entendê-las e organizá-las de maneira que se possa compartilhá-las com quem as lê. Elas nos auxiliam a incorporar a confusão e a complicação do cotidiano, conforme Galindo, Martins e Rodrigues (2014), sem ter que negá-las para que os textos se tornem possíveis.

Para Azevedo (2003), as narrativas parecem ser a melhor maneira de apreender o cotidiano. A partir delas, é permitido entender a vida cotidiana em sua complexidade e, ao revelarem um emaranhado de saberes/fazeres tecidos, possibilitam vivenciar, com todos os sujeitos, os diferentes espaços/tempos. De modo que, como a esperada oportunidade como jogador não se concretizou, a de professor, de docente se materializou. Os vislumbres de conhecer o mundo como jogador foram realizados enquanto professor, a partir da ida para Formosa (Taiwan) a convite da Associação Cristã de Moços da cidade de Changhua sendo que, nesta viagem, pude vivenciar o potencial que o esporte possui principalmente um lugar em que ele não é considerado a principal modalidade e, a sua prática, passa distante da realidade das escolas, local único em que se dá a iniciação esportiva na cidade. Dessa forma, as narrativas desta experiência baseiam-se no cotidiano no qual a relação entre professor, alunos, voluntários e demais integrantes da ACM, de Changhua, ocorrem de forma constante, mas mantendo-se o sigilo necessário que as narrativas aqui exigem.

O fato de ser narrado um fato/acontecimento/conversa em uma pesquisa acadêmica não necessariamente, segundo Galindo, Martins e



Rodrigues (2014), remete a obrigatória identificação dos atores em questão. Em verdade, as narrativas ficcionais atuam no sentido de possibilitar “a concretização de um estilo de vida mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momento privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos”. (REIGOTA, 1999, p. 86).

Para Reigota (1999), portanto, as narrativas ficcionais não operam sob a ótica do objetivismo científico, pois seu propósito é o de inserir o narrador nas teias de relações e significados complexos que envolvem o próprio ambiente. Nesse sentido, explica que as histórias narradas tornam-se ilhas de significado, das quais podem emergir elementos para a identificação de si próprio e dos outros, além de situar o sujeito-narrador em suas relações no e com o ambiente vivido.

Deste modo, as narrativas ficcionais, segundo Fortunato (2017), têm sido utilizadas como mediadoras entre os sujeitos aprendizes e sua própria percepção sobre seu ambiente vivido, seja durante as aulas formais, em rodas de conversa, palestras, congressos ou cursos de curta duração.

Para Reigota e Prado (2008), dar voz às pessoas, possibilitando-as aprender sobre seu próprio ambiente, a partir da organização de seu pensamento e do compartilhamento de sua percepção, constitui-se como uma prática pedagógica política por excelência e, por consequência, conferem importância às narrativas ao permitir que haja a compreensão dos múltiplos sentidos dados ao próprio ambiente.

As narrativas ficcionais, quando apresentadas nos espaços acadêmicos e literários, correm duplo risco: de não serem consideradas como material de validade científica ou de não apresentarem valor literário. No entanto, a elaboração das narrativas ficcionais, para Galindo, Martins e Rodrigues (2014), vem relacionada com dois outros critérios menos científicos e literários: o compromisso ético e a pertinência temática. Portanto, a partir dessa modalidade de narrativas, procurarei apresentar as percepções surgidas no cotidiano da Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba (Fefiso), no qual, as conversas



informais realizadas em diferentes espaços institucionais permitiram refletir sobre o desenvolvimento do aluno no curso e tudo aquilo que compreendo ser pertinente à sua formação.

Sendo assim, a experiência com o futebol em Formosa (Taiwan) pode ser dividida em três pontos: a) as expectativas com a viagem e em relação ao nível de conhecimentos das crianças acerca da modalidade; b) a compreensão sobre “o fazer” de modo que este não se tornasse mera reprodução de movimentos e c) as diferenças culturais no processo de ensino aprendizagem. Em seguida, tratamos das expectativas e da realidade que permeou essa experiência.

2 Expectativas/Realidades

As conversas sobre a possibilidade de envio de um professor à ilha de Formosa (Taiwan), para desenvolver o futebol com crianças, em um “Summer Camp” em Formosa (Taiwan), em julho de 2019, iniciaram-se em 2018, na Tailândia, quando do encontro dos representantes da Associação Cristã de Moços (ACM) de Sorocaba e da Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba com os representantes da ACMn de Changhua, participantes de uma reunião da Coalizão¹ entre as ACMs do mundo.

O convite gerou expectativas no envio de um professor para ‘o outro lado do mundo’. Como se dariam sua recepção, a aceitação e adaptação das culturas ocidental/oriental em práticas e hábitos que, muitas vezes, apresentam diferenças substanciais? Passagem recebida, visto providenciado, vacinas em dia, detalhes acerca de alimentação e hospedagem definidos, inicia-se a viagem que, após 36 horas (entre estrada e aeroportos) termina com a chegada em Changhua.

¹ A Coalizão Internacional das Universidades da ACM é uma parceria de universidades, faculdades e institutos de treinamento profissional que pertencem ou estão relacionados a vários movimentos nacionais da ACM. São instituições educacionais de nível universitário que promovem treinamento para preparar profissionais nas diversas áreas de serviços relevantes oferecidos pelo movimento ACM.



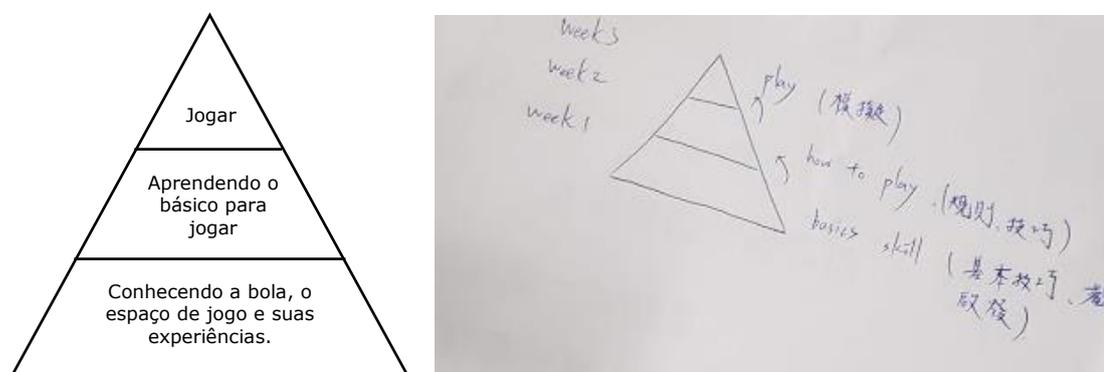
Como o intuito não é registrar as experiências relativas ao alojamento e à alimentação, o enfoque se dará nas reuniões prévias ao início das atividades práticas e nas observações que se deram a partir do momento em que elas começaram. Fui apresentado à equipe da ACM de Changhua. Eles, por sua vez, apresentaram como estavam distribuídas e organizadas as práticas que se iniciariam na semana seguinte.

As crianças podiam se inscrever em três atividades dentre as que eram apresentadas: Natação, Hip Hop, Futebol, Jogos de tabuleiro, Artes manuais e, para minha surpresa, Cultura Brasileira e Jogos e Brincadeiras do Brasil. De forma que 14 crianças optaram por fazer futebol e todos os inscritos no "Camp" (30 crianças) escolheram Cultura Brasileira e Jogos e Brincadeiras do Brasil. Enquanto começava a pensar em como organizar as duas salas referentes à cultura e jogos do Brasil, comecei a explicar um pouco sobre como seriam as atividades de futebol.

Neste momento, a dificuldade existente e que trouxe certa estranheza foi a de fazer com que todos compreendessem um planejamento que se baseava em etapas que seriam desenvolvidas apenas a partir do primeiro encontro com as crianças.

Como ensinar sem ter as atividades programadas com antecedência?

Figura 1- Etapas para ensino do Futebol



Fonte: Elaborado pelo autor.



Deste modo, o processo inicial concentrou-se em explicar como seria ensinado o futebol e como a experiência motora dos alunos seria o “pontapé” inicial para o desenvolvimento das práticas, ou seja, o começo se concentraria em análises dos primeiros contatos/atitudes das crianças com a bola e partir desta primeira experiência seriam planejadas as etapas seguintes.

Ao se estabelecer etapas a serem desenvolvidas durante as aulas permitiu-se criar um ‘esboço’ daquilo que era pretendido com os alunos. Entretanto, ensinar futebol dependeria, e muito, das respostas que seriam advindas dos alunos, sendo assim, não bastava apenas demonstrar, mas sim fazer com que eles compreendessem como tudo aquilo que estava sendo realizado fazia parte de um todo no qual, ao mesmo tempo, se ensinava e se aprendia. Neste sentido, Freire (2016, p. 28) nos esclarece que:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos.

Neste momento, a percepção de que os entendimentos em torno do ensinar e o aprender, anfitriões em relação ao que apresentava, levantou um “ar” de vislumbre de que algo diferente ao que estavam acostumados até então estava por vir e que, acabaram acrescentando mais atividades, além do futebol, a minha presença em Formosa (Taiwan).

As aulas de cultura brasileira ganharam espaço, no período da manhã (às quartas), um pouco antes das aulas de futebol e, uma vez por semana, no período da tarde, o “camp” se tornaria uma aula de Educação Física brasileira, na qual jogos e brincadeiras desenvolvidos no Brasil seriam apresentados e, por que não, avaliados pelos organizadores e crianças participantes.

Pega-pega de diferentes maneiras, pula cela, adoletá entre outras. Até mesmo uma coreografia a partir da música “Escravos de Jó” traduzida do português para o inglês e, por sua vez, para o chinês, fizeram com que todos se apaixonassem pelo sons que, combinados, criam as palavras



caxangá e zig-zig-zá apresentadas, algumas de maneira plena, outras com adaptações a fim de atender pedidos dos organizadores.

Neste ponto, com as atividades brasileiras, é que observei o primeiro aspecto claro de diferença cultural, pois, principalmente no Brasil, o toque e o abraçar se fazem presentes em diferentes momentos enquanto que em Formosa (Taiwan), conforme um passageiro inglês, casado com uma nativa me alertou que manter uma distância de segurança garantia o sucesso, tanto que os abraços foram substituídos por outro tipo de manifestação.

A observância aos limites individuais em que abraçar, tocar, beijar, tão comuns em países latinos, era vista com certa reserva entre todos aqueles com que tive contato. Na chegada, um simples aperto de mãos no aeroporto foi a mais efusiva forma de recepção que tive contato. Durante as semanas seguintes, a “distância segura” foi facilmente incorporada e só quebrada durante as práticas onde o toque começou a ser melhor aceito, pelo menos com os alunos do futebol.

Concessões à parte, a dinâmica das atividades brasileiras propostas que contrastavam com a passividade das práticas até então presentes nas atividades típicas realizadas em outros momentos fez com que eu começasse a imaginar como seriam as aulas de Educação Física e Esportes que eles realizam.

Entretanto e, com relação ao futebol, o primeiro momento foi interessante pois, da mesma forma que acontece no primeiro dia de aula na escola, os alunos se apresentaram tímidos, mas, ao mesmo tempo curiosos com o que viria a acontecer. Curiosidade essa, compartilhada pois, não havia como prever as reações que eles teriam em relação às práticas ou, como seria a comunicação. Nesse sentido, Freire (2016, p. 83) explica que:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

A primeira aula, principalmente com crianças, acabou sendo essencial, pois se não conseguisse ganhar a confiança delas e fazê-las acreditar naquilo que se espera que façam e que são capazes de fazer, a “vida” não seria lá muito fácil e, os 30 dias se tornariam uma eternidade.

Inicialmente as aulas de futebol seriam realizadas na área verde do atletismo sendo transferida para uma outra área gramada. Não havia traves



específicas para o futebol e para as aulas eram emprestadas as traves da quadra de handebol.

Normalmente, explico aos meus alunos na graduação que o professor deve procurar verificar quais materiais terão disponíveis para o desenvolvimento de suas práticas e que, muitas vezes, acabo por passar uma falsa realidade na graduação quanto a disponibilidade de uma gama variada de objetos (cones, pratos, estacas, traves, bolas de diferentes tamanhos e materiais) o que, na maioria das vezes, não são facilmente encontrados em outros lugares.

Na minha primeira semana, momentos antes de se iniciarem as práticas, percebi que tinha a minha disposição, 6 cones, um colete e uma bola para cada aluno. Portanto, material separado, alunos a postos, água, boné e muito filtro solar, procurei neste primeiro encontro dar liberdade para que eles realizassem, por um momento, aquilo que quisessem, a partir do instante em que tivessem, no meu entender, o primeiro contato com uma bola de futebol.

Enquanto no Brasil ao se entregar uma bola para uma criança, esta já saí correndo e chutando para todos os lados, ao se entregar uma bola para cada aluno em Formosa (Taiwan) que se observou foi, primeiro, a surpresa dos alunos em não receber nenhuma instrução específica sobre o que fazer com o objeto esférico que acabaram de receber.

“Aqui está, uma bola para cada um, façam o que quiserem com ela!”. Esta foi a única instrução traduzida do inglês para o chinês, por um dos jovens que me acompanhavam e, que no final do meu período, seriam promovidos a instrutores de futebol. Ao terem essa liberdade, puderam experimentar pela primeira vez, o contato com a bola e o campo que, agora, para minha surpresa, consistiu em jogá-la com as mãos para o alto e observá-la cair.

Nenhum chute, drible, corrida, disputa por espaço ou comemoração de um gol semelhante aquelas que são vistas na TV, ou seja, o futebol não é difundido, praticado ou mesmo, reconhecido na ilha, pelo menos naquela



pequena cidade, tornando desafiador e interessante o processo a ser desenvolvido.

Com isso, o primeiro passo a ser realizado foi o de se permitir aos alunos vivenciar e compreender as particularidades de uma novidade que seria utilizar dos pés para controlar a bola. Entre erros e acertos, ajustes e adaptações, as aulas seguiram fazendo com que as crianças conseguissem compreender o essencial para se aprender algo: o direito ao erro.

Presente na pedagogia freireana, o erro, como parte do processo de ensino-aprendizagem, é entendido como importante e constituinte no processo de formação do professor crítico. A partir dele pode-se crescer enquanto educador e com este crescimento vêm novas possibilidades para o (re)conhecer próprio e do seu aluno.

Com isso, o professor deve se dar o direito de errar para, a partir do erro se modificar, buscar uma nova forma de ensinar. Nas palavras de Freire e Faundez (1985, p. 27):

Deve ousar-se ao risco, deve provocar-se o risco, como única forma de avançar no conhecimento, de aprender e ensinar verdadeiramente. Julgo importante essa pedagogia do risco, que está ligada à pedagogia do erro. Se negamos a negação que é o erro, essa nova negação é que dará positividade ao erro; essa passagem do erro ao não-erro é o conhecimento. Jamais um novo erro será absolutamente um novo erro; será sempre um novo erro cujos elementos relativos implicam um novo erro, e esta cadeia se estende ao infinito. Se assim não fosse, alcançaríamos o conhecimento absoluto, e o conhecimento absoluto não existe. A força do negativo é fundamental, como dizia Hegel. A força do negativo no conhecimento é parte essencial do conhecimento, chama-se a isso erro, risco, curiosidade, pergunta etc.

Este aspecto se tornou notório a partir do momento em que analisava a forma exaltada pela qual o meu “auxiliar” gritava com os alunos, quando as atividades propostas não saiam tal qual imaginávamos. A partir disso, comecei a questionar como seria o desenvolvimento do esporte nas escolas da ilha ou, melhor, na pequena cidade de Changhua?

O desenvolvimento da Educação Física, no Brasil, por exemplo, passou por influências diversas, de modo que a ideia de que o processo de



desenvolvimento histórico contribuiria com o aperfeiçoamento da Educação Física é frustrado, pois a história não se desenvolve de maneira linear e irreversível rumo ao progresso, a cada novo avanço surgem novos problemas até então inexistentes. No seu desenvolvimento histórico, além dos grandes atletas ou dos inventos técnicos e pedagógicos, as disputas entre interesses, concepções científicas, teorias e práticas ocuparam lugar de destaque.

De modo que ela, de uma origem higienista, voltada para o desenvolvimento de um corpo e, por consequência, numa população sadia, passando por políticas em que a práticas eram baseadas em princípios militares de organização, rendimentos e obediência é modificada, a partir da difusão de estudos pedagógicos voltados ao desenvolvimento da criança e do adolescente. A Educação Física deixou de ser vista como uma prática capaz de promover saúde, preparar mão-de-obra ou disciplinar a juventude, mas ao se identificar com o desenvolvimento fisiológico, psicológico, social e moral do educando foi entendida com um caráter educativo em detrimento da valorização dos talentos atléticos.

Como as atividades do *Summer Camp* eram realizadas em uma escola de Formosa (Taiwan), pude observar um pouco o que acontecia ao meu redor, pois, enquanto trabalhava o futebol, outras práticas eram desenvolvidas por jovens que não pertenciam, especificamente ao grupo da ACM.

Filas, todos uniformizados, dentro de um mesmo ritmo, uma mesma cadência, disciplinados competindo, veladamente entre si, a fim de mostrar competências e qualidades superiores aos demais. O esporte como forma de posicionamento social. Aqueles considerados competentes estavam nas quadras e na pista de atletismo, os demais ficam na pequena arquibancada existente, apenas observando.

Tubino (2001), para contribuir na compreensão das práticas esportivas, classifica o esporte em três modalidades: a) esporte-espetáculo ou performance é aquele que busca o alto rendimento, que visa o desempenho com maestria e sofre influência comercial; b) esporte-



participação é aquele que visa à integração e envolvimento da comunidade e da sociedade em geral e é tido como momento de entretenimento, distração, diversão, passatempo e, por fim, c) esporte-educação, no qual há o propósito de permitir aprendizagens ao praticante, a partir da introdução de métodos de ensino por meio da prática que objetiva a socialização, integração, desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas dentre outros benefícios gerados pela prática pedagógica.

As diferentes dimensões presentes no esporte fazem dele uma prática que, em sua vertente educacional, apresente características entendidas como essenciais à formação de indivíduos conscientes da sua importância e cientes dos benefícios que ele poderá trazer quando praticado de forma diferenciada à presente no esporte profissional/rendimento.

Trabalha-se o esporte como o motivador da ação educativa, devido ao potencial que as atividades esportivas, os jogos e as brincadeiras têm de educar promovendo, ao mesmo tempo, prazer e alegria, prevenindo as doenças crônico-degenerativas e a deterioração da vida social, evitando comportamentos nocivos, tais como o fumo, o álcool, as drogas e a marginalidade. (CORTÊS NETO; DANTAS; MAIA, 2015, p. 110-111).

Com isso e a partir do entendimento do potencial transformador que o esporte pode ter, alguns aspectos que são particulares às diferentes realidades que encontramos ao tentar comparar as práticas esportivas experimentadas, em Sorocaba e em Changhua, necessitam de certos cuidados, pois as políticas educacionais apresentam diferenças substanciais em vários aspectos.

Conversando sobre a realidade educacional em Taiwan e tentando traçar um paralelo com aquela que conheço e estudo, descobri que não existem escolas particulares, sendo o ensino todo na ilha público e gratuito.

A escola na qual realizava as aulas, apesar da edificação aparentar certo descuido com relação à sua manutenção, era composta de quatro blocos com três andares de salas de aulas, dois anfiteatros (sendo um ao ar livre) e, o sonho de todo profissional de Educação Física, uma praça de



esportes invejável com quadras de basquetebol, handebol, voleibol, tênis, pista de atletismo com área para a realização das provas de arremessos e lançamentos e um ginásio poliesportivo climatizado. As escolas são tidas como referência para desenvolvimento dentro das comunidades e, o professor, considerado tão importante quanto outras profissões tidas como vitais ao crescimento de uma cidade.

A partir disso pude compreender e saciar um pouco da minha curiosidade para algo que até então parecia tão incompreensível como as placas e cartazes escritos em chinês, que era o déficit motor que havia detectado nas crianças que participavam das aulas de futebol.

Andar, correr, saltar, saltitar consideradas habilidade motoras básicas, bem como habilidades específicas para o futebol, tais como conduzir a bola com os pés, passar e chutar, podiam ser comparadas com a de crianças com idade inferior à qual elas realmente eram, sendo que o grupo era misto, com idade entre 07 e 12 anos onde, os mais velhos possuem habilidades semelhantes aos mais novos.

Os movimentos são pré-requisitos para qualquer esporte. Assim, o domínio e a estabilização de movimentos envolvendo todo o corpo e/ou uma de suas partes, quando realizados com o objetivo de atingir uma meta (caso dos movimentos esportivos, podem ser entendidos como expressões de habilidades motoras. (FONSECA, 2007, p. 69).

Com esse “diagnóstico” as atividades tinham como propósito trabalhar aspectos motores globais e específicos, onde a experimentação passou a ser uma constante e, além de correr, saltar, chutar, aprenderam, também a cair.

Nas caminhadas pela cidade que se tornaram uma rotina, entre vielas, ruas repletas de barracas vendendo desde comida, roupas e utensílios domésticos, passei a procurar por locais em que, possivelmente, encontraria crianças brincando, ou quem sabe jogando bola. A procura foi em vão. Entre *scooters* que se movem freneticamente de um lado para o outro, praças em que idosos passavam a maior parte do tempo



contemplando a paisagem de concreto ou jogando cartas, não havia crianças.

A cidade se desenvolveu como polo industrial. As indústrias químicas circundavam as cidades e, os jovens, em busca de oportunidades melhores nos grandes centros, migravam fazendo de Changhua uma cidade com uma quantidade grande de idosos. Caminhando, pude verificar um pouco do cotidiano e, a partir das observações realizadas, pude compreender muito sobre os comportamentos, ações e reações apresentadas pelas crianças durante as atividades.

Para o pesquisador, a noção de micro lugares é um duplo desafio: primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte. (SPINK, 2008, p. 72).

Ao compreender o cotidiano pude talvez encontrar a resposta para as dificuldades que observara nas crianças. Enquanto os pais trabalham, as crianças ficam confinadas em seus apartamentos sem a possibilidade de experimentar. A experiência se dá na escola e é por ela que serão “detectadas” as potencialidades físico motoras e aqueles que as possuem terão um “privilégio” em relação as demais.

Com isso, as aulas de futebol em que não importavam das habilidades pré existentes ou experiências/vivências e todos tinham a possibilidade de tentar, a alegria de se sentirem incluídos em uma atividade em que todos tinham as mesmas oportunidades fez com que o erro, tão condenado em determinados momentos, principalmente nas culturas orientais, passasse a ser valorizado pois, a partir dele é que se realmente aprendia.

Essa conclusão não partiu de nenhuma análise, teste, protocolo ou qualquer outra justificativa que possa ter respaldo em uma literatura técnica, mas sim dos depoimentos que alguns alunos fizeram a uma rede e



TV local e que, fora traduzido por um dos meus “alunos/auxiliares/amigos” da cidade.

A chegada da equipe de TV durante uma aula, causou-me surpresa e, apesar de ter sido avisado sobre a possibilidade de sua chegada, não entendia o porquê de aquilo que fazia ser tão relevante para a cidade

Assim, em uma quente manhã (como todas as outras são no verão) a equipe de TV chegou à escola à procura do professor de futebol vindo do Brasil. Algumas tomadas de imagens registrando as atividades, o jogo e perguntas sobre o que seria necessário para que o futebol fosse mais praticado em Formosa (Taiwan). Respondida a pergunta em inglês, traduzida para o chinês, a curiosidade do repórter se voltou para os alunos.

Perguntas básicas, tais como “O que você está achando das aulas?” ou “É legal jogar futebol?”, foram prontamente respondidas sendo que, nas respostas, elas indicaram o gosto dos alunos pelo futebol e o que mais elas lhes surpreendeu foi o direito a errar e poder continuar tentando até conseguir o acertar.

No que se refere ao vivenciado em uma cultura em que o futebol, como prática esportiva não é tão desenvolvido, mas que o esporte, por sua vez se faz presente com outras modalidades, percebe-se que o erro, necessário para o aprendizado e entendido como parte do processo, para eles era compreendido como vergonhoso e inconcebível. Ao perceber que o erro, gerava novas oportunidades e, que normalmente, resultavam em acertos e, por isso, no aprendizado real, foi considerado motivo de surpresa para crianças, auxiliares e repórteres da TV.

3 Considerações finais

Com isso, e a partir do que foi vivenciado em Formosa (Taiwan), percebo que o esporte, particularmente, o futebol, tem a capacidade de romper fronteiras e promover liberdades. A partir do momento em que o processo de ensino/aprendizagem da modalidade se desenvolve no sentido de permitir e fazer com que o aluno se permita a experimentar, viver, sentir, apresentar conquistas. O futebol é um esporte coletivo, mas dependente do aspecto individual de todos os participantes, ou seja, cada um contribui para o coletivo e o resultado representa como foi sua contribuição de todos no processo.



Em Formosa (Taiwan) durante todos os dias em que houve as atividades de futebol, o jogo, com a divisão dos alunos em equipes, foi realizado e, diferentemente ao que fora observado nos EUA, em nenhum momento, as crianças perguntaram quem ganhou o jogo naquele dia. A vitória, para eles, estava em um plano que não merecia muita importância, mas só pelo fato de estarem começando a compreender o jogo e, principalmente, a importância do coletivo para o desenvolvimento individual e vice e versa, fizeram deste período especial.

Quando se ensina futebol, ensina-se também que, independentemente do nível de habilidade apresentado, é importante demandar a atenção e os cuidados necessários que permitam, não apenas o desenvolvimento físico/motor/esportivo, mas que também possibilite a construção de saberes que são essenciais para a solidificação de uma cultura esportiva e do movimento.

Ao apresentar em Formosa (Taiwan), as ideias e concepções as quais desenvolvo com os discentes na faculdade, procurei apresentar as características que considero essenciais para o ensino e que corroboram com as ideias de Paulo Freire, em relação ao educar com amorosidade, possibilitando o acesso ao conhecimento e a serem livres para descobrirem, criar, escolher, participar efetivamente das suas vidas, conhecendo e assumindo seu papel no mundo por meio da afetividade e do respeito, desenvolvendo suas potencialidades e somando-as aos seus saberes, por meio da palavra e da ação. É com esta educação, que aqui falamos, que mantemos a esperança da transformação, permitindo que os alunos se situem no mundo e desenvolvam suas potencialidades.

A volta para o Brasil significou trazer na bagagem algumas afirmações que buscava enquanto professor, certezas acerca da universalidade com que o esporte pode ser entendido, a importância de se compreender diferenças culturais significativas que, no final, se mostraram irrelevantes diante de tudo o que foi compartilhado.

Entretanto, a minha volta não significou o encerramento das atividades de futebol no "camp" já que meu retorno foi programado para uma semana antes do encerramento total dele.

Deste modo, por uma semana, os novos instrutores K.K. e K.D. teriam que realizar as práticas sem a minha presença e, principalmente, pensar em como elas seriam feitas. Durante três horas diárias teriam que, a partir daquilo que também vivenciaram, assumir o protagonismo como instrutores de futebol, sendo que, um era praticante de beisebol e a outra de badminton.

Chegando ao Brasil, 11 horas de diferença entre os dois países, feliz pelo regresso, mas ansioso para saber como se desenvolveram as práticas, depois da minha saída, aguardo o fim do dia em casa que coincide com o fim da aula de futebol em Formosa (Taiwan). A tecnologia faz com que as distâncias não existam e, conversando com K.K. ouço dela que, os alunos sentiram minha falta, mas, que as atividades foram tranquilas e que o jogo estava cada vez melhor.

Saí do Brasil querendo compreender como seria retornar as origens e voltar a trabalhar com crianças e retorno ciente de que independente da



faixa etária, a partir do momento que se tem amor pelo que faz, o resultado sempre será positivo.

Espero ter deixado em Formosa (Taiwan), além do material, pois cada aluno foi presenteado com a bola que utilizou nas aulas, a imagem de que o esporte não é somente rendimento em que a vitória deve ser valorizada, mas sim que o importante é, pelo esporte, compartilhar momentos de alegria e satisfação, por fazer algo que gosta e traz prazer.

Referências

AZEVEDO, Joanir Gomes de. Itinerâncias da pesquisa. *In*: GARCIA, R. L. (org.)

Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARRIOS, João Rozas. **Apenas futebol**. Itu: Ottoni, 2009.

CARVALHO, José Eduardo de. **O jogo**. São Paulo: SESI, 2012.

CATUNDA, Marta. **A, B, C de encontros sonoros:** entre cotidianos da educação ambiental. 2013. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.

CORTÊS NETO, Ewerton Dantas; DANTAS, Maihana Maira Cruz; MAIA, Eulália Maria Chaves. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 109-117, 2015. Disponível em:

<http://stat.entrever.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/3561/4489/>. Acesso em: 22 abr. 2019.

FONSECA, Cris. **Futsal:** o berço do futebol brasileiro. São Paulo: Aleph, 2007.

FORTUNATO, Ivan. Cinco anos de narrativas ficcionais para pesquisa em educação ambiental: um balanço dessa experiência. **Revista Educere**, v. 21, n. 68, 2017. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/jatsRepo/356/35652744007/html/index.htm>. Acesso em: 06 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GALINDO, Dolores; MARTINS, Mário; RODRIGUES, Renata Vilela. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. *In*: SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli Cordeiro [Org.]. **A produção de informação na pesquisa social:** compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.



REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. *In*: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana [Org.]. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos; PRADO, Barbara Heliadora Soares. **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal**: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. Campinas: Autores Associados, 2004.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. especial, p. 70-77, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 maio 2020.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção da nossa época, v. 11).